

FORMAÇÃO DE CONSTRUÇÕES MÉDIAS: ASPECTOS SINTÁTICOS E SEMÂNTICOS

Morgana Fabiola Cambrussi*

Resumo: O intento deste artigo é analisar duas clássicas propostas para a formação de construções médias: uma, desenvolvida por Keyser e Roeper (1984), de cunho estritamente sintático; outra, desenvolvida por Fagan (1988), de cunho estritamente semântico. Após apresentação dos argumentos de ambos os trabalhos, realiza-se a discussão das propostas centrando as conclusões nas propriedades eventiva (para ergativas) e genérica (para médias).

Palavras-chave: Construções médias; construções ergativas; alternância lingüística.

A DISCUSSÃO QUE SE APRESENTA

■ **K**eyser e Roeper (1984) argumentam que construções médias são resultados de derivações sintáticas. Segundo esses autores, médias são geradas por uma regra sintática: Mova α , pela qual o argumento interno do verbo é movido para a posição de sujeito formal da sentença. Assumindo claramente a diferenciação entre médias e ergativas, os autores sugerem uma divisão entre verbos transitivos e intransitivos; aqueles podem ser subdivididos em transitivos regulares e médios, e estes podem ser subdivididos em intransitivos puros e ergativos. Fagan (1988), por sua vez, propõe um tratamento semântico para as construções médias, opondo-se às definições de Keyser e Roeper (1984).

* Doutoranda em Lingüística – Semântica – pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) de Santa Catarina, Florianópolis.

KEYSER E ROEPER (1984): POR UM TRATAMENTO SINTÁTICO DAS CONSTRUÇÕES MÉDIAS

Ao proporem um tratamento sintático para médias e um tratamento lexical para os ergativos, Keyser e Roeper (1984) assumem a posição de que o verbo médio é lexicalmente transitivo e que sua estrutura é derivada na sintaxe, ao contrário dos verbos ergativos, que são lexicalmente intransitivos e sofrem formação ao nível lexical.

In brief, middle pairs are generated by a syntactic rule of Move a and are therefore transitive while in the lexicon. On the other hand, the ergative pairs are generated by a lexical rule of Move a and therefore have both a transitive and an intransitive form in the lexicon (KEYSER; ROEPER, 1984, p. 382).

Para comprovação do tratamento dispensado pelos autores às médias como sintaticamente transitivas e às ergativas como intransitivas, Keyser e Roeper (1984) apresentam os seguintes argumentos: *first sister incorporation* (“incorporação do primeiro nóculo irmão”) nas formas verbais compostas; partícula *away* com interpretação de repetição; prefixação com *out*; *deletion and stranding of prepositions* (literalmente, “apagamento e abandono de preposições”).

INCORPORAÇÃO DO PRIMEIRO NÓDULO IRMÃO

A formação de compostos verbais do inglês é viabilizada pela regra *first sister incorporation* (“incorporação do primeiro nóculo irmão”) que, ao considerar as entradas lexicais dos verbos, subcategoriza seus argumentos e desloca o primeiro elemento à direita do verbo para a esquerda; assim, o argumento subcategorizado pelo verbo será o argumento deslocado, segundo Rodrigues (1998).

Keyser e Roeper (1984, p.392), ao relacionarem construções médias com a formação dos compostos verbais, objetivam demonstrar que médias são resultado da regra sintática *Mova α* . Por essa razão, as médias a seguir são gramaticais se construídas da forma composta expressa em (02a-d), mas agramaticais se construídas da forma expressa em (03a-d).

- (01a) *Bureaucrats bribe easily.* / (“Burocratas subornam facilmente.”)
- (01b) *The wall paints easily.* / (“A parede pinta facilmente.”)
- (01c) *Chickens kill easily.* / (“Galinhas abatem facilmente.”)
- (01d) *The floor waxes easily.* / (“O chão limpa facilmente.”)
- (02a) *bureaucrat-bribing* / (“suborno de burocrata”)
- (02b) *wall-painting* / (“pintura de parede”)
- (02c) *chicken-killing* / (“o ato de matar/abater galinhas”)
- (02d) *floor-waxing* / (“lavagem de chão”)
- (03a) * *easily-bribing bureaucrats* / (“burocratas facilmente subornáveis”)
- (03b) * *easily-painting wall* / (“parede facilmente pintável”)
- (03c) * *easily-killing chicken* / (“galinha facilmente abatível”)
- (03d) * *easily-waxing floor* / (“chão facilmente lavável”)

Pelo que os autores puderam constatar, as estruturas médias em (01a-d) apresentam na posição de sujeito gramatical o argumento interno do verbo, deslocado. Assim como nos casos de médias, o deslocamento do argumento à direita do verbo para a esquerda só se realiza nos exemplos de compostos verbais presentes em (02a-d), ao passo que os compostos verbais em (03a-d) o mantêm na posição à direita; disso resulta sua agramaticalidade. Nas palavras dos autores, os compostos verbais em (02a-d) “[...] *are well-formed since the first element of each is, in fact, a first sister of the following verb in its lexical sub-categorization frame.*” Já os compostos em (03a-d) “[...] *are not well-formed since their first element is not a first sister*”. Finalmente, as construções médias presentes em (01a-d) “[...] *cannot be the input to the lexical Compound Rule if, as we argue below, they are only formed in the syntax*” (KEYSER; ROEPER, 1984, p. 392).

Diferentemente, a ocorrência dos casos expressos em (04a-c), em que ergativas formam compostos sem que o primeiro elemento à esquerda do verbo seja o argumento que, subjacentemente, encontrava-se à direita dele, demonstra que as construções ergativas derivam de uma operação Mova α que – lexical, não sintaticamente – desloca o argumento interno do verbo para a posição de sujeito.

- (04a) *The boat sinks fast.* → *the fast-sinking boat*
 (“O barco afunda rápido.” → “o barco de afundamento rápido”)
- (04b) *The pill acts fast.* → *the fast-acting pill*
 (“A pílula age rápido → a pílula de ação rápida”)
- (04c) *The plane flies low.* → *the low-flying plane*
 (“O avião voa baixo → o avião de vôo baixo”)

PARTÍCULA AWAY COM INTERPRETAÇÃO DE REPETIÇÃO

A forma como as construções médias e ergativas comportam-se diante do uso associado à partícula *away*, de acordo com Keyser e Roeper (1984), constitui uma evidência consistente de que as ergativas são lexicais. Os autores levam em conta que, quando a partícula *away* está associada a verbos intransitivos, isso significa repetição; já quando está associada a transitivos, recebe interpretação unicamente de direção.

Com a análise das sentenças em (05a-b) a seguir, é possível constatar que, em estruturas ergativas, *away* pode receber interpretação tanto de direção quanto de repetição, entretanto, em (06a- b) demonstra-se que, com interpretação de repetição, a partícula *away* torna estruturas médias agramaticais.

- (05a) *The ships are sinking away.* / (“Os navios estão afundando.”)
- (05b) *Bones are fracturing away everywhere you look.* / (“Ossos estão fraturando em todo lugar para onde você olhe.”)
- (06a) * *The bureaucrats bribe away easily.* / (* “Os burocratas subornam fácil e repetidamente.”)
- (06b) * *The chickens kill away easily.* / (* “As galinhas abatem fácil e repetidamente.”)

A constatação de que a partícula *away* em estruturas médias não pode receber interpretação de repetição é utilizada pelos autores para reforçar a afirmação de que essas estruturas são transitivas, enquanto as ergativas são lexicalmente intransitivas e podem ocorrer nos dois usos de *away*: tanto como advérbio transitivo quanto como advérbio intransitivo.

PREFIXAÇÃO OUT

Na regra de prefixação com *out*, Keyser e Roeper¹ encontram mais um argumento para manter a posição de que a formação das ergativas é lexical e das médias é sintática. Essa regra forma transitivos a partir de intransitivos e de transitivos como *John kills*, com objeto zero. Como verbos ergativos podem sofrer derivação prefixal com *out*, Keyser e Roeper concluem que são intransitivos desde o léxico; no entanto, verbos formadores de estruturas médias rejeitam a derivação prefixal com *out*, o que atestaria que são lexicalmente transitivos.

- (07) *John outran Bill.* / (“John ultrapassou Bill.”)
- (08) *John outkilled Fred.* / (“John matou mais que Fred.”)
- (09) *The basketball outbounced the baseball.* / (“O basquete ultrapassou o beisebol.” – com sentido de que o basquete tornou-se a preferência)
- (10) * *Trees outplant flowers easily.* / (* “Árvores plantam mais que flores facilmente.”)
- (11) * *Bureaucrats outbribe managers easily.* / (* “Burocratas subornam mais que gerentes facilmente.”)

Em (07), o prefixo *out* cria, a partir do verbo *run*, intransitivo puro (inergativo) para Keyser e Roeper, o transitivo *outran*, que significa “ultrapassar alguém”, não fisicamente, mas no trabalho ou nos estudos, por exemplo. Em (08), que se poderia traduzir como “John matou mais que Fred”, o transitivo *outkilled* é formado a partir de um transitivo com objeto zero. Já (09) não possui nenhuma restrição para formar o transitivo *outbounced*, derivado de estrutura ergativa. Finalmente, (10) e (11) ilustram, por serem ambas agramaticais, a restrição de estruturas médias para a derivação prefixal com *out*, o que reforça o argumento dos autores de que médias são lexicalmente transitivas.

APAGAMENTO E PREPOSITION STRANDING

Keyser e Roeper abordam a reanálise sintática que permite *preposition stranding* como último argumento em favor das derivações transitivas para médias e intransitivas para ergativas². Apresentam a passiva como um dos casos em que *preposition stranding* é tolerado, pois, em se tratando de reanálise, pode-se incluir preposição em formações passivas.

1 Com base nas discussões de Bresnan (1981).

2 Optou-se por manter os termos em inglês pelo fato de não haver ainda uma tradução adequada dessa expressão para o português. Alguns autores, como Rodrigues (1998), traduzem *preposition stranding* por “abandono de preposição”, expressão que não parece contemplar totalmente o sentido do original em inglês.

- (12) *His bed wasn't [_v slept in].* / (* “Sua cama não foi dormida em.”)

A passiva, no entanto, constitui uma formação sintática, e regras lexicais não toleram inclusão de preposição; assim, estruturas derivadas por regras lexicais apagam a preposição, a exemplo do item lexical *laughtable* (“digno de riso”), derivado de estruturas como *I laughed at Bill* (“Eu ri de Bill”), que não poderia assumir a forma **laughatable*.

Os autores consideram que estruturas médias com apagamento de preposição são menos aceitáveis que médias que apresentam *preposition stranding*, como é o caso de (13) e (14):

- (13) ? *John laughs at easily.* / (“Ri-se de João facilmente.”)
 (14) * *John laughs easily.* / (“John ri facilmente.”)
 (15) * *The room broke into.* / (* “A sala transformou-se em.”)

Já construções ergativas resultam agramaticais quando se inclui preposição, pelo que demonstra (15). Essa é a última evidência de que Keyser e Roeper (1984) dispõem para comprovar que médias e ergativas são diferentemente derivadas; aquelas, por um processo sintático que possibilita a inclusão de preposição e não tolera seu apagamento, e estas por um processo lexical que, a exemplo das formações nominais, não admite *preposition stranding*.

FAGAN (1988): POR UM TRATAMENTO SEMÂNTICO DAS CONSTRUÇÕES MÉDIAS

Contrariamente ao que propõem Keyser e Roeper (1984), Fagan (1988) argumenta que tanto construções médias quanto ergativas são lexicalmente derivadas; o que diferencia uma estrutura de outra, para a autora, é o argumento semântico de que as médias são estativas, enquanto as ergativas são eventivas. O tratamento de médias e de ergativas como sendo ambas sintaticamente intransitivas está em desacordo com os argumentos de Keyser e Roeper (1984) apresentados anteriormente. A autora propõe operações distintas para a formação das duas estruturas: médias apresentam atribuição de *arb* ao argumento externo e externalização do tema (realização sintática do tema na posição de argumento externo); ergativas apresentam apagamento do argumento externo e externalização do tema.

O termo *arb* é a abreviação de *arbitrary* e representa as características que identificam o grupo de propriedades referidas como interpretação arbitrária para um determinado objeto. Quando se afirma, por exemplo, que um argumento é [+humano] ou [+genérico], faz-se atribuição de *arb* a ele. Ao se reconhecer a aplicação de *arb* ao argumento externo de verbos formadores de construções médias, reconhece-se que o argumento possui uma característica que é imanente a ele, a saber, a característica [+genérico], que autoriza a saturação desse argumento. Por essa razão, segundo Fagan (1988), pela regra *Assign arb to the external θ -role* (“Atribuição de *arb* ao papel temático externo”), o agente de médias é lexicalmente saturado, não sintaticamente, daí advém a não-realização sintática do agente na posição de argumento externo de verbos envolvidos em construções médias.

Segundo as operações definidas por Fagan para a formação das construções médias e das ergativas, a formação daquelas embutiria uma interpretação genérica e agente implícito; no entanto, a formação das ergativas não embutiria agente implícito e a interpretação seria não-genérica. Além disso, a autora elimina a noção de apagamento de papéis – que Keyser e Roeper (1984) atribuem à formação das estruturas médias –, mas ela a mantém para a formação das ergativas.

É justamente o tratamento estativo que Fagan dispensa às construções médias que justifica seu comportamento diante de restrições sintáticas como: formação de compostos verbais, prefixação com *out*, formação com partícula *away* como advérbio intransitivo (leitura de repetição) e apagamento de preposição ou *preposition stranding*. Para Fagan, é uma evidência a favor do caráter estativo de médias o fato de sofrerem as mesmas restrições sintáticas que verbos de estado.

Quanto à formação de compostos verbais, a argumentação de Keyser e Roeper (1984) para a agramaticalidade de (03a-b), repetidas em (16a-b), é o fato de o primeiro elemento à esquerda do verbo não ser seu argumento interno que, segundo a grade temática, havia sido movido de sua direita. Para Fagan (1988, p.186), os exemplos em (16a-b) são construções com um advérbio modificando um adjetivo gerundivo e não compostos verbais. Já que médias são construções estativas, não podem ser compatíveis com adjetivos gerundivos, e disso resulta a agramaticalidade de (16a-b), uma explicação semântica, portanto. Essa distinção é estabelecida com base no fato de verbos intransitivos de estado não estarem disponíveis para a formação de tais adjetivos, levando a uma incompatibilidade entre esses verbos e adjetivos gerundivos; logo, a construção em (17) também resulta agramatical. “*What remains to be accounted for, then, is the fact that middle verbs cannot be used to form adjectives with the suffix -ing [...] only intransitives – not transitives – allow gerundive adjectives* (FAGAN, 1988, p. 186).”

- (16a) * *easily-bribing bureaucrats* / (“burocratas facilmente subornáveis”)
 (16b) * *easily-painting wall* / (“parede facilmente pintável”)
 (17) * *The sufficing-rations. (These rations will suffice.)* / (“Rações que bastam.” (“Essas rações bastarão.”))

Sobre as formações médias com o uso da partícula *away* com interpretação de repetição, Fagan (1988, p.190) as considera agramaticais porque a interpretação depende de repetição da partícula de uma sucessão de eventos; como médias são estativas, não podem ocorrer com a leitura repetitiva: “[...] *we saw that middle verbs do not describe specific events. They do not describe actions, but states. The particle away, on the other hand, cannot be used in the repetitive or continuative sense with stative verbs*”. Assim, essa incompatibilidade não está presente somente nas construções médias, mas também nas construções que envolvem verbos de estado, como ilustram (18) e (19).

- (18) * *He stank away.* / (“Ele fedia sempre.”)
 (19) * *She belonged away.* / (* “Ela pertenceu sempre.”)

O mesmo caso se constata no caso da prefixação com *out*. Segundo Fagan (1988), essa prefixação é sensível a outras estruturas além das transitivas anunciadas por Keyser e Roeper (1984). Verbos estativos, por exemplo, rejeitam a prefixação, conforme (20) e (21). Como o caráter não-eventivo das construções médias as aproxima de construções com verbos estativos, é possível assumir como referência para verbos que formam médias o comportamento da prefixação com *out* para verbos estativos, que é a seguinte: “[...] *not all intransitives permit out Prefixation. In particular, stative verbs cannot undergo this rule [...]*” (FAGAN, 1988, p. 191).

- (20) * *His advice outmattered ours.* / (“Seu aviso importou mais que os nossos.”)
 (21) * *Her car outcost mine.* / (“Seu carro custou mais que o meu.”)

Com base também no fato de médias serem mais tolerantes a apagamento de preposição e a *preposition stranding* que construções ergativas, Keyser e Roeper (1984) afirmam que médias são sintáticas e ergativas são lexicais; entretanto, Fagan avalia que esse não é um argumento confiável para se opor processo sintático *versus* processo semântico.

A fim de rebater esse último argumento de Keyser e Roeper (1984) para a transitividade das construções médias, Fagan considera, com fins comparativos, as construções passivas.

- (22) *John was laughed at.* / (“Riram do John.”)
 (23) ?*The room breaks into easily.* / (“O quarto em que se entra facilmente.”)

Fagan observa que construções passivas, que são sintaticamente transitivas, não apresentam nenhuma restrição quanto a *preposition stranding*, conforme (22). Já construções médias, como constatado em (23), possuem restrição de aceitabilidade. A autora afirma ainda que, se as construções médias fossem sintaticamente transitivas, deveriam tolerar *preposition stranding* com a mesma facilidade que as construções passivas; para ela, essa é mais uma evidência de que médias são lexicais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em consonância com Fagan (1988), acredita-se ser crucial a caracterização de estruturas médias como genéricas, pois nela reside o entendimento das diferenças entre *middles* e *ergatives*. Segundo o que se julga mais apropriado à distinção, médias não descrevem eventos, o que fazem é atribuir propriedades a objetos, as quais são mantidas indiferentemente ao tempo. Em resumo, Fagan comprova que a característica não-eventiva de médias é que as torna pouco suscetíveis a certos processos lexicais, como a formação de adjetivos gerundivos e a prefixação com *out*. Isso decorre da incompatibilidade de tais processos com as propriedades aspectuais dos itens lexicais. Ergativas servem de *input* a esses processos por serem eventivos.

Fagan avalia que, como esses processos são sensíveis tanto a aspectos sintáticos quanto semânticos, não podem servir de suporte para que se assumam

posições conclusivas acerca do *status* sintático de médias, como o fizeram Keyser e Roeper (1984); a autora acredita que as evidências encontram-se em outro lugar. Em concordância com Fagan (1988), considera-se produtiva a integração entre esses aspectos e se assume que médias e ergativas são formadas por seleção eventiva do verbo, como decorrente de processos ocorridos na estrutura de eventos dos núcleos que servem à alternância transitiva/média/ergativa.

No que diz respeito ao processo de *preposition stranding*, é justamente a inabilidade de médias com preposições abandonadas que sugere que aquelas não envolvem movimento, sendo, portanto, derivadas unicamente do léxico. A diferença que há entre tais construções e as ergativas está, ainda, na presença do modificador adverbial – outra explicação que pertence à semântica da construção; aliás, o estudo das construções médias representa, para Fagan, mais uma demonstração de que há maiores chances de compreender os fenômenos lingüísticos quando não se ignora a complexa interação que existe entre características sintáticas e semânticas.

REFERÊNCIAS

- BRESMAN, J. *The passive in lexical theory*. MIT Occasional Paper nº 2. Cambridge, Massachusetts: Center for Cognitive Science, 1981.
- FAGAN, S. The English middle. *Linguistic Inquiry*, n. 19, p. 181-203, 1988.
- FELLBAUM, C.; ZRIBI-HERTZ, A. La construction moyenne en français et en anglais: étude de syntaxe et de sémantique comparées. *Recherches Linguistiques*, n. 18, p. 19-55, 1989.
- KEYSER, S.; ROEPER, T. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry*, n. 15, p. 381-416, 1984.
- RODRIGUES, C. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no Português do Brasil: um estudo comparativo*. 1998. 176 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

CAMBRUSSI, Morgana Fabiola. Middle constructions formation: syntactic and semantic aspects. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 10, n.1, p. 97-104, 2008.

Abstract: This paper issue is to examine two classical proposals for middle construction formation: the syntactic one developed by Keyser and Roeper (1984); and the semantic one developed by Fagan (1988). After present the arguments of both works there is a discussion of the proposals with the focus in the eventive (for ergatives) and generic (for middles) properties.

Keywords: Middle constructions; ergative constructions; Linguistic alternation.